

...Memórias de um Bombeiro Voluntário

Ser Bombeiro Voluntário, não antes em ser cadete, então com 16 anos, era esse o objectivo do **Zé**.

Ele como muitos jovens da idade dele, aspiravam um dia a vir a envergar a farda de ganga azul e colocar o capacete de metal reluzente, que tanto os caracterizava.

Assim o Velho Quartel da Rua das Amoreiras seria a sua casa de acolhimento, seguindo de perto as pisadas do seu irmão mais velho Manuel.

A Recruta tem o seu início sob a tutela do senhor 1º Comandante Andrade; a que se seguiu, a sua passagem a Bombeiro de 3ª classe.

O serviço militar obrigatório intromete-se pelo meio, na Companhia de Saúde em Coimbra a que se lhe segue St.ª Margarida; Hospital Militar do Porto; Póvoa do Varzim e novamente Coimbra, a que se segue a disponibilidade em 1956.

O regresso ao BVE dá-se logo de imediato, coincidindo com o afastamento do senhor Cte Andrade a que se lhe segue o senhor Comandante Meneres.

A Corporação vive momentos de grande rigidez disciplinar, que culmina com o regresso do Comandante Andrade à Corporação retomando este o Comando.

A Direcção está para ficar, sob a Presidência do senhor Dr. Eduardo Costa; Amílcar Vidal; António Pessoa; Artur Tavares e Francisco Rico, continuando a ocupar o exíguo espaço da Rua das Amoreiras.

Mas o Quartel dos Bombeiros tem a sua origem na garagem do João Garrido; mais tarde, taverna do senhor Silva “Guarda Fios”, na qual se encontrava estacionada a Bomba Braçal – hoje peça de museu exposta no Novo Quartel na Teixugueira.

Aparece então a 1ª viatura de combate a incêndios “Dellage”; tanto quanto se sabe, oferecida pelo senhor Dr. Santos Reis. Não temos a certeza se de facto foi assim. Foi o que me contaram.

Muda-se então para o Quartel da Rua das Amoreiras, e em 1939 chega o “Fargo”; hoje viatura simbólica dos nossos Bombeiros, que se encontra operacional, participando apenas em desfiles e demonstrações, a que se lhe segue a Studbaker.

É bom visitar o “Fargo”, e junto dele reviver toda a sua história ao longo dos anos.

A Associação dos B.V.E. conhece por volta dos anos 60, nova Direcção, que toma a seu cargo a tarefa da modernização das instalações, e o início da remodelação do parque de viaturas.

O nosso amigo **Zé**, continua, participa e vive intensamente a actividade dos nossos Bombeiros, passa a Bombeiro de 2ª classe, e como paixão, passa a acumular a condução das viaturas de socorro, em que o “Fargo” é o seu carro de eleição.

Durante todo o processo de angariação de fundos para a construção do novo quartel; o parque automóvel, já com a Studbaker; recebe a Peugeot 203; a Mercedes 220 e o Packard aí por diante.

O senhor Comandante Andrade passa a Comandante Honorário; seguindo-se o senhor Comandante Armando Couto; Carlos Eurico; José Valente e finalmente Castro Valente.

De todas as viaturas, a que o Packard era o mais vistoso; resultou de uma compra simbólica ao Ministério das Finanças por dois contos de reis; o qual após transformação passou de carro de Ministro a pronto de socorro para combate a incêndios.

O nosso amigo **Zé** e o Armando Melo vão de rota batida a mando do senhor Amílcar Vidal para Lisboa; cuja missão é, trazer o Packard do Terreiro do Paço.

Mas nem tudo foram flores, a chapa da matrícula traseira não sai de maneira nenhuma; salva a situação, a esposa do senhor Ministro, Sr.^a D.^a Dores, que instrui o motorista para se dirigir às oficinas da PSP, em St.^a Marta, onde ali executariam o trabalho de substituição das chapas de matrícula.

E aí vai o “Packard”, com o **Zé** e o Armando Melo a bordo, com uma matrícula à frente diferente da traseira. Ninguém deu pelo facto. Isto foi só um pequeno episódio dos muitos pelo qual o “Packard” passou.

Mas este carro de incêndios ainda estava aí para as curvas, passando a abrir, pelas viaturas dos nossos companheiros de Albergaria-a-Velha, num grande incêndio no Brejo, ali para os lados da Branca. Parecia que leva fogo. Ninguém sabia donde tinha aparecido aquele carro que ninguém conhecia.

Outros episódios recordava então o **Zé**, todos eles passados entre os nossos Bombeiros e os Bombeiros da vizinhança. Em especial os nossos “**rivals**” de Ovar, a avaliar pelo incêndio no café do Resende em Avanca, sinistro em que ficámos mal; pelo facto, das nossa moto-bombas não terem pegado.

Nem a DKV, nem a Norton nem a “Andorinha”. Nenhuma pegou. Foi uma tristeza.

A rapaziada de Ovar veio, e deu conta o recado.

Mas também fomos a Válega, o velho “Fargo” pelo caminho deixou o escape. Um incêndio dos grandes em medas de palha.

Aí, os nossos amigos de Ovar, desta vez calhou-lhes a eles, o infortúnio das moto-bombas, e a nossa rapaziada brilhou. Brilhou mesmo, de tal modo que o pessoal de Válega nos pediu que fôssemos lá pelo Natal, pois haveria um bom prémio. Claro que não fomos.

Mas o “Fargo” cumpriu sempre. Em Mouquim, num grande incêndio na mata, com uma frente de 10 KM, rebentou ou pneu, e foram precisos 16 bombeiros para o levantarem para colocar a roda de reserva.

Mas também o trataram algumas vezes mal. Toca a sirene para um incêndio em Loureiro. Em casa do senhor Dr. Albino dos Reis. Bombeiros no quartel. Não há condutor. Toca a sirene sem parar. Condutor nada...

Vai daí o Filipe Nordeste, salta para o volante. O “Fargo” ruge. Direito a S.Tiago; na curva do senhor dos Aflitos, entra e sai a direito contra o muro. E fica...

Não há feridos. Sai a Studbaker, muda-se o material do “Fargo” para esta, e vai daí, direitos a Loureiro.

É tarde. Muito tarde. Mas já lá estão os nossos companheiros de Oliveira de Azeméis; e, o senhor Cte Alegria, nosso grande amigo.

Por falar em Oliveira de Azeméis, recordo que uma vez na Minhoteira, um grande fogo pegou na mata junto à estrada. Fomos para lá.

Material ravina abaixo, para ir buscar a água ao rio. Foi um fogo dos grandes. Em grande declive. A nossa rapaziada estava exausta. O Comandante Marcelino Leite também.

Mas chega o senhor Comandante Alegria e a sua rapaziada, que recolhem o nosso material e o arrumam, enquanto os nossos descansam.

Mas o “Fargo” passaria muitas vezes as ondas da Ria de Aveiro. Sim, porque tínhamos a incumbência de prestar socorro à Torreira.

A casa do senhor Paiva, junto à casa Catrazana e do Café do Guedes, arde. Na Béstida a velha lancha de JAPA, com o pontão de barcos à ilharga, aguarda a chegada do pronto-socorro.

Vai de fazer a travessia com o “Fargo” em cima do pontão, e do largo saltam para a água os nossos Bombeiros, que ligam mangueiras e a nado de agulheta às costas, procedem ao combate ao incêndio.

Foi uma intervenção espectacular, com o “Fargo” a bombear água no pontão da lancha ao largo.

No fim o senhor Paiva e o senhor António Afonso Tavares presentearam a rapaziada com uma caldeirada à maneira.

O **Zé**, o Manel, e Filipe Nordeste e muitos dos que evoquei, já não estão entre nós, mas eles marcaram o tempo da Corporação dos nossos Bombeiros. Esta gente deixou saudades.

Claro que foi no seu tempo. Os tempos de agora são diferentes...

Zé Tarrinca, devia-te este escrito. Missão cumprida.

Os nossos Bombeiros continuaram na senda do altruística do bem prestar. Noutros moldes, claro!